



ESTADOS UNIDOS

# Trump ensaia recuo na crise

Pressionado pela escalada de manifestações contra o assassinato de ativista em Minneapolis, presidente pede fim da violência, conversa com o governador e envia para a cena seu assessor extraordinário para a segurança das fronteiras

Depois de um fim de semana tenso, marcado por mais protestos e pela morte de um manifestante em Minneapolis, o presidente Donald Trump dá sinais de que aposta em um recuo na posição agressiva que assumiu nos últimos dias na explosiva questão da perseguição aos estrangeiros em situação irregular nos Estados Unidos. Depois de avalizar a versão inicial de sua agência anti-imigração, conhecida pela sigla ICE, Trump afirmou ontem que "não quer ver pessoas feridas ou mortas" nas ruas do país. Trocou um telefonema com o govenador Tim Walz, do opositor Partido Democrata, e enviou para o estado seu assessor extraordinário para a segurança das fronteiras, Tom Homan, a quem encarregou de informá-lo pessoalmente sobre a situação.

"O governador ligou para me pedir que trabalhemos conjuntamente", escreveu em sua plataforma, Truth Social. "Foi uma ligação muito positiva e, na verdade, parece que estamos em sintonia", afirmou. "Vamos voltar a nos falar muito em breve." A mudança de tom se seguiu a uma onda de indignação pela morte, no sábado, do enfermeiro intensivista Alex Pretti, 37 anos, baleado por agentes do ICE durante uma manifestação de protesto pelo assassinato, no último dia 7, de Renee Good, da mesma idade, atingida pela força especial em seu carro. Ambos eram cidadãos norte-americanos, e os incidentes não apenas reacenderam as disputas entre o presidente e a oposição democrata. Também nas fileiras do Partido Republicano (governista), multiplicam-se as vozes que questionam a atuação do ICE na detenção e deportação sumária de imigrantes.

Um tribunal federal de Minnesota deu início ontem a audiências sobre os dois homicídios, em meio à pressão crescente para que seja aberta uma investigação independente. Em um dos casos, o procurador-geral do estado pediu a uma juíza federal que detenha a mobilização de agentes do ICE na região. Outra ação se concentra em impedir que os agentes federais destruam provas relacionadas ao assassinato de Alex Pretti. A versão da autoridade anti-imigração sustenta que o enfermeiro teria avançado em direção a eles portando uma arma, mas imagens tomadas por testemunhas indicam

Roberto Schmidt/AFP



Memorial em homenagem a Alex Pretti, morto pelos agentes do ICE durante manifestação de solidariedade aos imigrantes

que ele tinha nas mãos um telefone celular, com o qual filmava a ação repressiva. Pretti era autorizado a portar armas.

## Mão dupla

A porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, foi quem trouxe a público a disposição do presidente por uma distensão, com o objetivo de cessar "a resistência e o caos" em Minneapolis. A funcionária se referiu às mortes dos civis norte-americanos como "uma tragédia". Mas reiterou os ataques de Trump ao que classifica como "uma resistência deliberada e hostil dos líderes democratas em Minnesota" à política oficial sobre imigração. A cidade, a mais populosa de Minnesota, é uma das que são declaradas "sanctuários" para os estrangeiros, pelas autoridades locais.

"Durante semanas, o governador Walz, o prefeito Jacob Frey e outros democratas eleitos difundiram mentiras sobre os agentes federais que ariscam a vida, diariamente, para tirar das nossas ruas os piores estrangeiros criminosos em situação ilegal",

Alex Wroblewski/AFP



Trump chega à Casa Branca: gestos contraditórios

acusou Leavitt. Ambos os governantes democratas demandam a retirada dos agentes do ICEA da cidade, e o assunto será examinado por uma juíza federal de Minnesota. A medida é defendida por personagens como o ex-presidente (democrata) Barack Obama e sua mulher, Michelle, e mesmo por congressistas republicanos. O próprio Trump admite que a polícia anti-imigração deixará

Minneapolis "em algum momento", sem mencionar algum prazo. Mas, ontem, anunciou o envio do seu "czar das fronteiras".

Tom Homan é um veterano do Departamento de Segurança Interna, encarregado da política de controle da fronteira sul e das deportações de imigrantes em situação irregular. "Ele não tem experiência naquela região, mas conhece e gosta de muitas

pessoas de lá", escreveu o presidente em sua plataforma Truth Social. "Tom é rigoroso, mas justo, e se reportará retamente a mim", garantiu.

## Eleições

Apesar do tom conciliatório, o presidente mantém a pressão em outra frente política em Minnesota, em pleno ano eleitoral. Em novembro, serão renovados a Câmara dos Deputados e um terço do Senado, além de governos estaduais e prefeituras. A operação do ICE em Minnesota foi inicialmente lançada em resposta a supostas irregularidades no atendimento a imigrantes de origem somali. "Continua (em andamento) uma grande investigação sobre a enorme fraude de serviços sociais, de mais de US\$ 20 bilhões, que ocorreu em Minnesota", publicou na Truth Social.

Durante o fim de semana, enquanto milhares de manifestantes desafiavam o frio glacial para sair novamente às ruas de Minneapolis, exigindo "justiça" na

## » Ex-Fifa sugere evitar a Copa

Ninguém menos que o último ex-presidente da Fifa recomenda aos torcedores de outros os países que evitem viajar para os Estados Unidos na Copa do Mundo deste ano, a ser sediada pelo país de Donald Trump, entre junho e julho, em parceria com os vizinhos México e Canadá. O suíço Joseph Blatter, 89 anos, que renunciou em 2015 ao comando do futebol mundial, em meio a uma sucessão de escândalos de corrupção, fez referência à ofensiva lançada pelo presidente dos EUA contra a imigração irregular. Sob o impacto dos acontecimentos do fim de semana, com a morte de um manifestante em Minnesota, Blatter postou mensagem na rede social X. Nela mencionou o advogado Mark Pieth, contratado por ele para planejar o combate às ilegalidades na Fifa. "Aos torcedores, um conselho: evitem os EUA! Acho que (Pieth) tem razão ao questionar esta Copa", escreveu o ex-cartola. Em entrevista recente ao jornal suíço *Tagesanzeiger*, o advogado alertou sobre "a marginalização dos opositores políticos e os abusos por parte dos serviços de imigração" nos EUA. "Ao chegarem, os torcedores deverão esperar que, se não se comportarem adequadamente com as autoridades, serão mandados de volta para casa imediatamente. Se tiverem sorte...", observou. "É melhor assistir pela TV."

investigação das mortes de Pretti e de Good, líderes de 60 empresas com sede no estado assinaram uma carta aberta pedindo "uma desescalada imediata das tensões" e exortando as autoridades das várias esferas a trabalhar de forma conjunta. Entre os signatários do documento estão a rede varejista Target, a gigante alimentícia General Mills e várias franquias esportivas profissionais.

## INTERNET

# França veta menores nas redes

A França segue os passos da Austrália e deu ontem o empurrão inicial para proibir o acesso de menores de 15 anos às redes sociais. A ofensiva é parte de um projeto de lei mais amplo, de iniciativa da base governista, para a regulamentação do funcionamento da internet no país. Outros dispositivos do texto seguiam ontem em debate, e a expectativa é de que seja aprovado no todo pelos deputados, para que o Senado ratifique a decisão a tempo de que entre em vigor até 1º de setembro, quando os estudantes retornam às aulas depois das férias de verão.

Em mensagem por vídeo, postada no fim de semana, o presidente Emmanuel Macron defendeu a criação de um arcabouço legal que permita proteger a integridade psicológica e mesmo física dos

menores nas redes e dar aos pais mecanismos de controle sobre o tempo passado pelos filhos diante das telas. Preocupações semelhantes motivaram a adoção de medida semelhante, em dezembro, na Austrália, onde a proibição se aplica aos menores de 16 anos.

"As emoções de nossas crianças e adolescentes não estão à venda, nem à disposição para serem manipuladas pelas plataformas americanas ou pelos algoritmos chineses", disse o presidente em sua postagem. "A França pode ser pioneira na Europa", comemorou o líder da bancada governista na Assembleia Nacional, Gabriel Attal. Para ele, que já serviu como primeiro-ministro de Macron, com a nova regulação a França ganhará "independência" diante de "algumas potências que "querem colonizar as mentes".

## Celular

Outra iniciativa polêmica a ser examinada pelos deputados é a proibição do uso de telefones celulares nos liceus, estabelecimentos de ensino médio frequentados por jovens entre 15 e 18 anos. A norma já vigora, nas escolas públicas e privadas, para os alunos de etapas de ensino anteriores.

Antes mesmo da votação na Assembleia, o veto aos celulares faz parte do cotidiano dos 600 adolescentes que frequentam o liceu profissional de Montsoul, cerca de 25km ao norte de Paris. Ali, no início de cada aula, o professor passa pela sala uma maleta preta onde cada aluno deposita seu aparelho. A proibição "acalmou o clima" na escola, porque "muitas alterações" que se

registravam entre os jovens estavam ligadas ao uso dos celulares, explicou à agência de notícias France-Presse a professora Christine Antunes.

"No começo, foi complicado, porque sou viciada no celular", admitiu à AFP Lina, uma aluna de 18 anos. "Mas isso me ajudou a me concentrar e minhas notas melhoraram", reconhece. Lina, segundo ela própria relatou, chegava a passar até 12 horas por dia diante da tela.

## Quase todos

O projeto de lei apresentado pelo bloco macronista teve apoio em quase todas as forças políticas representadas na Assembleia Nacional. Centro, direita e extrema-direita votaram a favor da proibição, que, no entanto, dividiu a oposição

Angela Weiss/AFP



O presidente Emmanuel Macron: "Nossas crianças não estão à venda"

de esquerda. A radical França Insubmissa, principal legenda desse campo político, apontou a proposta do governo como uma "solução simplista", que substituiu um "debate consistente" sobre os desafios da educação por um "paternalismo digital".

As forças de centro, direita e extrema direita apoiaram a proibição, que, em contrapartida, dividiu a oposição de esquerda. Sua ala radical, representada pela A França Insubmissa (LFI), denunciou um "paternalismo digital" e uma solução "simplista".